

VIDA NOS TRILHOS: INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA NA CONCEPÇÃO DE UM MUSEU DE RUA

GUILHERME RODRIGUES DE RODRIGUES¹; HAMILTON BITTENCOURT²;
CLAUDIA TURRA MAGNI³

¹*Universidade Federal de Pelotas – guilhermerdr.rodrigues@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – hamilton.bittencourt@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – clauturra@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a proposta de um museu de rua como método de ensino da pesquisa etnográfica para o bacharelado em Museologia da UFPel, bem como uma ação interdisciplinar entre este curso e o Grupo de Apoio à Pesquisa Etnográfica com Imagem (GRAPETI) do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som – LEPPAIS, vinculado ao Bacharelado em Antropologia da UFPel. As ações desta disciplina de caráter teórico e prático (que tem como pré-requisito a disciplina de Antropologia I), foram realizadas em três edições distintas, voltadas para diferentes enfoques sobre a cidade de Pelotas: o patrimônio cemiterial do Bairro Fragata (2011), a tradição carnavalesca do município (2013) e o Memorial da Estação Férrea (2015). É sobre este último tema que discorre o presente trabalho, desenvolvido no segundo semestre de 2015, encerrado com a inauguração da exposição em *banners* intitulada “Vida nos Trilhos”, juntamente com um filme documentário (o qual não será abordado aqui) - produtos de uma etapa preliminar para a implementação do Memorial da Estação Férrea de Pelotas. A condução das atividades curriculares esteve sob responsabilidade da Profa. Dra. Claudia Turra Magni e do mestrando Vinicius Kusma, seu orientando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPel, em estágio docente.

Museu de Rua é uma proposta museológica singular: mais do que uma exposição aberta, não institucionalizada, sem objetos à mostra, com possibilidade de ser itinerante, chegando a qualquer espaço em que as pessoas estejam, esta proposta visa romper com a tradicional separação entre aqueles que escrevem e “fazem” a história de um lado, e, de outro, aqueles que a recebem passivamente e são “instruídos” por ela. A intenção, ao contrário, é de que todas/os as/os cidadãs/ãos, percebam-se como sujeitos, atores e parte integrante do processo histórico, de modo que “a própria comunidade interessada na recuperação, preservação e divulgação de seu patrimônio cultural seja a detentora da coordenação e execução do trabalho” (WAKAHARA, 1988). Requer um trabalho de campo e de consulta a acervos particulares e públicos, com inúmeros encontros etnográficos para a realização dessa construção compartilhada e objetivando a meta principal: o reconhecimento pessoal dentro do trabalho de pesquisa, gerando a apropriação de seus resultados por parte da(s) comunidade(s) estudada(s).

No início do ano de 2015, conforme a demanda do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para a Prefeitura Municipal de Pelotas, em necessidade de criação de um memorial para a Estação Ferroviária em prédio recentemente requalificado, a Secretaria de Cultura (SECULT) solicitou apoio do LEPPAIS para a criação e implementação de tal projeto. A partir disso, o GRAPETI iniciou um ciclo de estudos e pesquisas sobre o assunto, fazendo

imersão a campo no bairro Simões Lopes e arredores para entrar em contato com ex-ferroviários, seus familiares e habitantes deste núcleo originalmente implantado em função da ferrovia.

No segundo semestre do mesmo ano, foi ofertada a referida disciplina obrigatória para o curso de Museologia, cujos alunos se integraram aos membros do GRAPETI para desenvolver um museu de rua, dando seguimento ao projeto do memorial.

As aulas, marcadas pela interdisciplinaridade das duas grandes áreas (Antropologia e Museologia) tiveram como objetivo os estudos sobre conceitos básicos etnográficos, pautados pelos métodos de procedimentos de uma pesquisa empírica. O intuito era proporcionar aos futuros museólogos uma experiência prática de experimentação da etnografia, e a disciplina foi marcada por trocas e diálogos constantes entre discentes da Museologia e da Antropologia, que expunham a todo o momento suas experiências e paradigmas de pensamentos, pautados por ambas as áreas do conhecimento.

2. METODOLOGIA

Construir um Museu de Rua no âmbito de uma experiência de ensino/aprendizagem com um grupo heterogêneo, de diferentes níveis de formação (alguns membros do GRAPETI eram pós-graduandos) exige uma grande organização e rigor no cumprimento de um cronograma de atividades, pois se trata de uma pesquisa que envolve inúmeros interlocutores, para os quais temos compromissos de restituição dos resultados. Logo, deve ser remota a possibilidade de não cumprimento de um trabalho deste porte, cujas etapas, ao longo do semestre, foram assim organizadas: seminário de leituras, problematização de conceitos relacionados ao museu de rua e referências de projetos já executados, estudo de princípios do método etnográfico, diretrizes do desenvolvimento da pesquisa, elaboração e produção dos painéis e inauguração da exposição, no próprio local que foi objeto da pesquisa: o prédio da estação férrea.

A duas primeiras etapas contaram com a apresentação do projeto do Memorial da Estação Férrea (MEF), planejamento de cronograma, palestra sobre o Museu Ferroviário de Lins-SP, com a Profa. Dra. Louise Alfonso, oficina de fotografias, leituras sobre construção de Museus de Rua e escolha dos temas dos painéis (11 ao total, dividido por grupos em aula). Estas duas etapas iniciais contextualizaram e elucidaram a proposta da disciplina e do projeto.

Foram feitos estudos sobre conceitos básicos de método etnográfico, tendo como pano de fundo as obras de Roberto da Matta (1984) e Gilberto Velho (2008), antropólogos que com suas produções introduzem com excelência o trabalho de campo. Clifford Geertz (1989), com o capítulo “Uma descrição densa”, de seu livro “Interpretação das culturas”, pautou as reflexões sobre este conceito central da Antropologia.

Em seguida desses estudos e preparações teóricas no laboratório, iniciaram-se as pesquisas de campo (algumas já em andamento, com os membros do GRAPETI). Idas e vindas sistemáticas ao universo da investigação caracterizaram esse momento. Recolhia-se uma fotografia, retornava-se ao laboratório, refletia-se sobre ela, voltava-se a campo para busca de novas informações... Assim transcorreu o semestre, num ritmo cada vez mais acelerado,

com o planejamento do conteúdo dos painéis e produção da abertura da exposição.

Então prepara-se a inauguração, com o planejamento do conteúdo e *layout* dos painéis: quais temas privilegiar, que fotos utilizar, qual o conteúdo dos textos e subtítulos para cada *banner*, que falas seriam as mais significativas para transcrever? - eram as questões que deviam ser respondidas, desafiando o coletivo a encontrar soluções que contemplassem a todos. Após este fechamento, os *banners* foram impressos, e tínhamos em mãos o material da exposição. Foi no dia 03 de dezembro de 2015, num sábado, às 16h, que ocorreu a inauguração do Museu de Rua “Vida nos Trilhos”, título sugerido por uma aluna da Museologia participante da equipe, que também é filha de ex-ferroviário.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os resultados do Museu de Rua, fruto de um intenso semestre de estudos que, para muitos das/os alunas/os, também foi a primeira experiência de pesquisa etnográfica, temos, em síntese: 11 painéis, sendo um de abertura e outro de créditos. Um dos painéis estabelecia uma relação entre o passado recente da Estação em ruínas, e o presente do prédio, requalificado para novos fins. Este diálogo entre presente e passado também se apresentava no *banner* cartográfico, o qual destacava em foto aérea, os atuais vestígios de trilhos pela cidade, com um pequeno trecho ainda ativo, para transporte de carga, e, em mapas regionais, a pujante malha ferroviária do século passado. “Família” e “objetos de memória”, temas de outros dois *banners*, traziam à tona a dimensão corporativa e práticas de sociabilidade que envolviam as famílias dos ferroviários, assim como o sentimento intenso e saudoso dos tempos das viagens pela ferrovia. Muitas pessoas ainda possuem vários objetos afetivos, como a lanterna, o banco, a chaleira, a panela, a placa de identificação das casas da ferrovia, o trolinho..., inúmeras lembranças envolvendo a materialidade e o sentimento fraternal e familiar daquela época.

Devido à importância dada ao tema pelos interlocutores da pesquisa, dois painéis destinaram-se ao futebol, mostrando tanto a história da formação dos times do bairro Simões Lopes - onde os “Negrinhos da Estação” deram origem ao Grêmio Esportivo Brasil - quanto a presença dos times atuais, com destaque para o projeto de inclusão social “Força Jovem Simões”. Não se restringiam, portanto, ao aspecto esportivo, mas englobava dimensões culturais, sociais e cartográficas na formação do bairro, apontando para a forma de uso de espaços, a constituição de terrenos e as principais referências espaciais dos moradores, como a casa de Augusto Simões Lopes, a Igreja Nossa Senhora Aparecida, e a antiga Escola Técnica (atual Instituto Federal Sul-rio-grandense).

Como não poderia deixar de ser, outros dois painéis tiveram como eixo o próprio trabalho ferroviário, com sua estrutura organizacional, as estratégias de subversão da hierarquia, os riscos da profissão e acidentes, relembrados com dramaticidade heroica,. Não deixamos de mostrar que, por de trás da saudosa lembrança do trabalho duro e pesado dos empregados da ferrovia, existiam consequências fatais diárias relacionadas à profissão.

4. CONCLUSÕES

A proposta de desenvolvimento coletivo de uma pesquisa etnográfica e apresentação de seus resultados através de um Museu de Rua como método de ensino da Antropologia para a graduação em Museologia mostrou-se extremamente eficaz, segundo avaliação dos discentes, assim como dos interlocutores da pesquisa. Além de apropriarem-se dos fundamentos teóricos desta área do conhecimento, os alunos puderam experimentar uma modalidade específica da museologia, engajando-se numa ação prática de construção participativa do conhecimento e incorporando, neste diálogo, as formas de recepção da comunidade em relação ao trabalho realizado.

Para os alunos da Antropologia, a participação no projeto também mostrou-se proveitosa, na medida em que o Museu de Rua evidenciou-se como uma ferramenta interessante de restituição de pesquisa e ainda uma oportunidade de interlocução dentro da área das Ciências Humanas. A interdisciplinaridade promovida por esse método de ensino integrador também garantiu uma troca estimulante entre o GRAPETI (Grupo de Apoio à Pesquisa Etnográfica com Imagem) e discentes da Museologia.

Para ambas as áreas, a experiência propiciada por este projeto atinge a meta almejada pela instituição acadêmica, de integrar pesquisa, ensino e extensão. A pesquisa, neste caso, é de caráter qualitativo, implicando a prática do trabalho de campo, própria do etnográfico, fundamentada em corpo teórico e visando à descrição densa de um universo empírico. O ensino, por sua vez, concebido como processo dialógico, construtivo, crítico e interdisciplinar, visando à sistematização do conhecimento gerado de forma coletiva. E a extensão garantida pela troca promovida entre universidade e comunidade, através do Museu de Rua, um empreendimento compartilhado, que permite o engajamento de ambos na preservação do patrimônio cultural da cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DA MATTA, R. Trabalho de Campo. In: **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. 4.ed., Petrópolis: Vozes, 1984 (143-173).
- GEERTZ, C. Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989 (1973). (3-21)
- OLIVEIRA, R. C. O trabalho do Antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do Antropólogo**. 2.ed., Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2006 (17-35).
- SCHMITZ, M. E. **Nas asas do vapor : construção do espaço ferroviário em Pelotas/RS (fim do séc. XIX – início do séc. XX)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História, PPGH/UFPeL.
- VELHO, G. Observando o familiar. In: **Individualismo e cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2008 (122-134).
- WAKAHARA, J. A., BRAZ, E. Museu de Rua. **Dossier Histórico (1977-1988)** São Paulo, s/e, 1988.